

PINTURA AO AR LIVRE

Uma visão panorâmica da pintura de paisagem

Por

Sandra Nunes
www.sandranunes.com

À memória dos companheiros de pincel
e andanças pelas
ruas do Rio de Janeiro
Samuel e Enerino Mendes

JANEIRO/2008

Pintura ao Ar livre

Uma visão panorâmica da pintura de paisagem

Sandra Nunes

www.sandranunes.com

Este estudo tem como objetivo lançar um olhar sobre a **Pintura ao Ar Livre** no tempo e no espaço até chegarmos ao Brasil nos dias atuais. Tal pesquisa não poderia acontecer sem uma breve análise anterior do status que a **pintura de paisagem** ocupou na História da Arte através dos tempos.

A partir do século XVII, os pintores Ingleses e seus colecionadores mostravam interesse crescente pela pintura de paisagem, gênero que até então na doutrina clássica tinha um lugar inferior. A evolução sócio-econômica da Inglaterra (oficina do mundo na época) fez nascer uma concepção nova da paisagem: o jardim "à inglesa". Os princípios que regiam este jardim tinham sido importados pelos artistas progressistas com a mesma ânsia que muitas outras inovações econômicas, técnicas, práticas e culturais surgidas na esteira da Revolução Industrial.

Um grande número de pintores Ingleses influenciados pela marinha e portuária dedicaram-se então ao gênero da paisagem nacional ou estrangeira utilizando as técnicas da aquarela e do óleo. Estas pinturas de paisagem "puras" do século XVII E XVIII reforçavam o conceito da pintura como um objeto estético, uma obra de arte a ser apreciada por ela mesma e não como meio de contar um fato histórico ou apresentar uma idéia, o expectador responderia intuitiva e esteticamente à pintura de paisagem como se estivesse diante do **real**.

A atmosfera peculiar de uma paisagem, suas variações de acordo com as condições climáticas e os diversos estados de luz constituíam o principal atrativo destes temas. O valor artístico dos quadros era determinado pela exatidão do que representavam. O observador desejava que o efeito de um quadro correspondesse tão exatamente quanto possível ao efeito **real** que uma paisagem teria produzido nele. Entretanto, pintar da natureza não significava até então pintar no local e sim muitas vezes desenhar no local, a pintura a óleo estava confinada no ateliê, alguns artistas desde o século XV já trabalhavam do natural com traços de lápis ou aguadas e no século XVI Albrecht Dürer já fazia pequenas aquarelas em suas viagens, mas esta novidade não foi plenamente desenvolvida nos séculos seguintes, alguns pintores utilizavam aguadas e a seguir a aquarela apenas para croquis e esboços.



Paisagem Alpina- 21x31cm -Albrecht Dürer 1525

Um significativo passo a frente foi dado no século XVIII quando os artistas Alexander Cozens e seu filho John Robert usaram aquarela para capturar a natureza in loco, seus temas viriam principalmente da Inglaterra rural, trazendo a cor definitivamente para fora do ateliê, desta maneira, a aquarela se tornou uma técnica predominantemente de paisagem, que foi

substantialmente desenvolvida pelos grandes pintores ingleses do século XIX e início do século XX : Thomas Girtin, J. M. W. Turner, and John Sell Cotman.

William Turner(1775-1851),John Constable (1776-1837) e Parkes Bonington(1801-1828) trouxeram inovações significativas para a pintura de maneira geral:

Turner retomava a tradição das marinhas Holandesas do séc XVII, sua visão romântica, muito pessoal da natureza era reforçada com um cuidado com relação aos valores expressivos e climáticos dos fenômenos luminosos e das combinações de cores. Juntamente com estes temas , registrava seu interesse pelas últimas invenções da época.



J M W TURNER *Goldau* 1843 aquarela sobre papel 33.5x47cm

Tal como aconteceria pouco depois em outros países, desde 1830 o caminho de ferro inglês revolucionava o transporte de bens e pessoas tanto quanto a comunicação entre homens e lugares. Esta facilidade de locomoção deu o suporte necessário para os artistas capturarem **os efeitos da luz na natureza em**

locais mais distantes que, com a portabilidade das tintas e a logística da pintura a óleo, fez crescer o movimento.

John Constable impulsionou drasticamente esta tendência pintando sketches da natureza em óleo permitindo, desta maneira, uma conexão mais íntima e direta entre o sketch e a pintura no ateliê, tornando-se então o pioneiro do fluxo seguido pela da pintura do século XIX pavimentando o caminho dos pintores da Escola de de Barbizon e dos Impressionistas.



John **Constable** - Tempestade sobre o mar 1824-28 - óleo sobre papel colado em tela



Salisbury Cathedral, from the meadows - 1831 - óleo sobre tela - John Constable

A Escola de Barbizon

Realismo e ponte para o Impressionismo

Na década de 1830 as cidades francesas começaram a ficar poluídas, florestas e rios desapareciam tornando-se as estradas de hoje, alguns artistas começaram a deixar os Salões de Paris dirigindo-se para a pequena vila no entorno da floresta de Fontainebleau. Reagindo contra a situação política e social da Monarquia de Julho que se seguira à Revolução de Junho de 1830 e abandonando as convenções da pintura clássica, que lhes tolhia a liberdade, estes artistas optam por representar uma visão do campo **mais fiel** e escolhem como tema não a classe rica de Paris, mas concentram-se nos trabalhadores do campo e seu ambiente natural aproximando a pintura cada vez mais da **realidade**.

A industrialização fez emergir o proletariado que tomando consciência da sua existência como classe luta pelos seus direitos. Karl Marx publica o **Manifesto Comunista** em 1848, revolucionando o papel do cidadão comum na sociedade que passa a envolver-se ativamente na política fazendo valer as suas reivindicações.

Aliando as alterações de hábitos e de mentalidades, mencionados acima, com a estética realista da escola de Barbizon temos um conjunto de características muito particulares: o interesse pelo mundo contemporâneo; a observação das realidades atuais e sua reprodução com o maior realismo possível. É neste contexto que, nas telas começam a aparecer pessoas vulgares nas suas atividades diárias e em situações comuns: mulheres a lavar roupa, camponeses a trabalhar nos campos, paisagens urbanas e rurais, etc., como forma de valorizar a energia e a força social que representavam, contrariando a tendência até ali da representação de personagens especiais evocando a simplicidade e a inocência.

Os pintores de Barbizon inspirados pelas pinturas de paisagem de Constable tiveram sucesso em estabelecer os motivos rurais e a paisagem como tema importante da pintura francesa.

Embora receba hoje a denominação de Escola, o grupo de Barbizon era uma reunião informal de artistas formada por amigos procedentes de classes sociais diferentes, alguns mais outros menos experientes que se reuniram em torno deste ideal para pintar ao ar livre: **Aprender com a Natureza**.

Não se tratava de **românticos exilados** da cidade, mas estudantes da paisagem apaixonados pelos elementos naturais pintando "en plein air".

*" Tous ces grands homm's en peinture
Vêtus comme des goret
Ils s'en vont dans la forêt
Fair' du chic d'après nature.
Avec un cloporte ils ont
L'adress' de faire un bison"*

**" Todos estes grandes homens da pintura
Vestidos de forma desleixada
Adentram a floresta
Para tornarem-se chiques ao natural..."**

"La Complainte de Barbizon" - poema de 25 estrofes que conta a história dos pintores de Barbizon de maneira jocosa, comparando-os todo o tempo com bisões - Autoria desconhecida

Integrando este grupo, entre vários outros, temos os nomes de :



Jean-Baptiste Camille Corot (1796-1875))
Corot Fontainebleau: Oak Tree at Bas-Bréau, 1832 or 1833

Jean-Baptiste-Camille

Theodore Rousseau(1812-1867)



Théodore Rousseau, Etude en forêt de Fontainebleau – óleo sobre tela

Jean François Millet (1814-1875),



Angelus - Jean François Millet - óleo sobre linho, 55x66cm

Narcisse Diaz de la Pena (1807-1869)



Barbizon – óleo sobre tela- Narcisse Diaz de La Pena

Charles François Daubigny (1817-1878)



Charles François **Daubigny** – Les Bords de L'oise



Clair de Lune avec un bateau, Chales **Daubigny** 26.7x33.5cm

Um olhar mais atento sobre os integrantes do grupo de Barbizon revelará as diferenças individuais de abordagem de cada artista e suas motivações.

Corot, embora com sólida formação neoclássica viveu a transição e quando foi para a Itália fez intensivos **estudos** ao ar livre, talvez tenha sido o primeiro a considerar estes estudos como obras acabadas embora elas servissem também de base para trabalhos de ateliê assim como o eram para Constable.

Corot foi uma espécie de decano dos pintores de Barbizon, com o seu nome o grupo conseguiu maior visibilidade pois já era um pintor reconhecido na época.

A intensidade com que estudava os efeitos da luz nos elementos naturais, a maneira como as figuras do campo eram apresentadas, simples e vibrantes só se consegue pintando ao ar livre. É dele a afirmação : **'Nenhum homem deve se tornar um artista se não ama a Natureza.'**

Percebemos um Millet centrado na classe trabalhadora (da qual ele próprio fazia parte) na lida diária do homem do campo que se apresenta sem retoques ou adereços artificiais de modelos de ateliê.

Daubigny praticamente já fazia a ponte para o impressionismo com suas pinceladas soltas e terminando quase que toda a pintura no local. Sua temática geralmente era ligada aos rios e as impressões fugazes do por de sol . A paixão pela água leva-o a construir em 1857 um pequeno barco " **Le Bottin**" onde passa a pintar seu tema favorito, o que servirá de inspiração para Monet contruir seu barco-ateliê anos depois. Suas obras a partir de 1861 demonstram cada vez mais o gosto pela simplificação.

Até 1840 as pinturas de Barbizon eram consideradas "cruas" "não terminadas" e inaceitáveis para o gosto dos Salões Oficiais. Após a metade do século, entretanto, estes artistas ganharam um reconhecimento sempre ascendente servindo de base e inspiração para as gerações seguintes.

Em 1864 Daubigny apresentou no Salão uma paisagem completamente pintada "en plein air.

Pintura ao Ar Livre e Impressionismo

Um engano muito comum é apresentar como sinônimos **Pintura ao Ar Livre** e **Impressionismo**. Em uma outra oportunidade pretendo me deter nos preceitos básicos do Impressionismo pois cabem muitos outros artigos para descrever-se as características deste movimento¹, discorreremos aqui então somente sobre alguns pontos onde estes verbetes se encontram.

Pintar ao ar Livre é uma técnica diferente de qualquer outra, é um desafio para o artista que precisa se concentrar completamente na informação diante dele. Seus sentidos absorvem tudo, da visão, audição, tato, enfim tudo se junta para ser canalizado em sua expressão na tela ou papel. Esta expressão não é necessariamente traduzida por sketch rápido ou impressionista. Sem dúvida uma pintura executada ao ar livre tem características próprias, que se manifestam através do estilo de cada um.

“Por **Impressionismo** entende-se, em primeiro lugar, uma certa maneira de pintar, de desenhar ou de conceber o trabalho gráfico, é uma maneira particular de se apropriar do mundo através da pintura ou do desenho”.

Por volta de 1870, a pintura de paisagem havia tornado-se o foco principal dos artistas com maiores aspirações. As grandes pinturas impressionistas desta época começavam e na maioria das vezes terminavam ao ar livre, alguns pintores trabalhando **“a la prima”**², outros retornando tantas vezes quantas fossem necessárias para a finalização no local.

Pintar ao ar livre **“en plein air”** tornou-se uma regra para aos impressionistas e seus seguidores que nos deram as grandes obras que vemos hoje. Tal como o de Barbizon, este não era um grupo coeso, havia várias posições estéticas e políticas divergentes entre eles.



Impressão do Sol Nascente - 1872, óleo sobre tela 48x63cm - Claude Monet

É importante observar que a história do **Impressionismo** assim como a da **Pintura ao Ar Livre** não está exclusivamente ligada à França, mas diz respeito à Europa e ao resto do mundo, portanto a gênese do impressionismo não é devida a condições exclusivamente francesas e o eco rápido que ele encontraria no mundo inteiro não poderia ser explicado se se não houvessem em outros lugares tendências comparáveis.



English Seascape - 1875 - Berthe Morisot

¹ Ao pintar ao ar livre o artista não se submete necessariamente a estes cânones, sua expressão pessoal se revela de acordo com sua visão de mundo, conhecimento técnico, e seu universo de emoções.

² pintura “alla prima” - iniciada e finalizada em uma só seção.



Rose Tremière - ost 1884 - Bethe Morisot

A Pintura ao Ar livre no Mundo

Podemos citar como exemplo a **Escola de Haia** e os impressionistas de Amsterdam que tinham como inspiração as pinturas de Frans Hals (1583-1666) e Jan Vermeer(1632-1675) bem como de Ruysdael, mestre da paisagem Holandesa do século XVII (1600-1670) cujas telas tinham um sabor moderno se comparadas com as paisagens idealizadas da arte acadêmica.

O que era valorizado em Hals era sobretudo a liberdade de suas pinceladas largas, enquanto em Vermeer admiravam sua virtuosidade colorista. Podemos citar como membro deste grupo :

George Hendrik Breitner (1857-1923)



The Dam, Amsterdam, George Hendrik Breitner aquarela- 40 x 51 cm - 1895

Os artistas Franceses , como mencionado anteriormente, aproximavam-se dos mestres holandeses copiando pinturas no Louvre e levando a técnica para **o ar livre**, havendo também o contato interpessoal entre os pintores destes países.

Na **Grã Bretanha** por volta de 1880 uma série de pintores agrupa-se em **Newlyn**, na Cornualha com o principal objetivo pintar do natural os temas locais com pescadores e cenas costeiras, tendo como líder do movimento Stanhope Forbes(1857-1947) e Scott Turke(1858-1929), na virada o século uma nova geração de artistas se reagrupará nesta colônia tendo como maior representante a pintora **Laura Knight**(1877-1972).



Home Along- Evening -**Stanhope Forbes** óleo sobre tela 1905



China Clay Pit -**Laura Knight** -óleo sobre tela 1914

A **Escócia** também testemunhará o gosto pela **pintura ao ar livre**, New English Art Club rebelava-se contra o estilo moralizante da arte Vitoriana e os ensinamentos da Royal Academy, este movimento independente conta com a participação de John Abbot Mc Neil **Whistler**(1834-1906).



Nocturne - óleo sobre madeira 50,2x60,8cm 1871 James Abbott Mc Neil Whistler -

O movimento disseminou-se pelo mundo podendo ser observado até em países com rigoroso inverno durante a maior parte do ano. Na **Escandinávia** formavam-se também colônias de artistas que pintavam ao **ar livre** no verão dentre elas a mais famosa a de **Skagen**, local onde as novas idéias eram absorvidas e transmitidas. Podemos destacar os pintores Peder **Krøyer**(Copenhague 1851-1909) e Christian **Krogh** (Oslo 1852-1925), outros artistas dinamarqueses, noruegueses e suecos também regressavam todos os anos para pintar a beleza da luz do Norte na companhia de velhos e novos amigos.



Christian Krogh "Begravelse i Nordland", 1892, 67x68cm.



Peter Severin Kroyer 1892- Skagen
óleo sobre tela

O mesmo sucedeu no leste e sudeste Europeu, cada país com suas próprias motivações e influenciados sem dúvida também pela França, enfim, artistas de quase todo o mundo na segunda metade do século XIX saíam de seus ateliês para pintar o que o olho registrava, era o auge do **Realismo**. O **Manifesto Comunista** de **Karl Marx** lançado em 1848 acirrava as discussões.

Em 1856 surgia na **Itália** “**I Macchiaioli**”, um grupo de pintores da Toscana que , quebrando as convenções ensinadas pelas academias pintavam ao ar livre, capturando a **luz natural, sombra e cor**. Era um grupo revolucionário que se encontrava no café Michelangelo em Florença para discutir arte e política. Provavelmente este foi uma consequência direta do **Resorgimento**, um movimento que na época sonhava unir a Península sob um só governo.

Acreditavam estes jovens que áreas de luz e sombra “macchie” (literalmente = **mancha**) eram o mais importante de uma obra de arte. Inicialmente a “machia” era uma maneira de fazer realçar os efeitos de **claro-escuro** de forma a estabelecer uma distinção da arte acadêmica e linear.

Alguns nomes relacionados a este grupo: Serafino de Tivoli(1826-1892), Giovanni Fattori(1825-1908), Giovanni Boldini (1845-1931), Giuseppe de Nittis (1846-1884), Cristiano Banti (1824-1904) entre outros.



A comparação com os Impressionistas franceses é inevitável, embora os italianos tenham precedido os franceses, vale lembrar que o ponto em comum entre o Grupo Italiano e o Francês era basicamente o hábito **de pintar ao ar livre**. O engajamento político do Grupo Italiano era muito mais evidente . A denominação do grupo com o termo Macchiaioli é usado pela primeira vez pela crítica Italiana em 1862 de maneira pejorativa.

Em **Portugal** e na **Espanha** esta tendência demorou um pouco mais a florescer, o movimento em direção à pintura ao ar livre em Portugal só inicia bem mais tarde, a sociedade portuguesa não sofrera transformações significativas até então e a pintura se conservou até final dos anos 70 muito ligada ao academicismo

Hay Stacks –óleo sobre tela- Giovanni Fattori

dos românticos.

Surge então em Lisboa no ano de 1880 o **Grupo do Leão** que se reunia para discussões estéticas e ideológicas, neste momento o gosto do público já estava mais receptivo às tendências naturalistas, foram eles que as introduziram em Portugal transpondo para a tela o fenômeno da luz e da cor.

Podemos citar como principais integrantes : **Silva Porto**(1850-1893), que fora discípulo de Daubigny, **José Malhoa**(1854-1933), João Vaz(1859-1931), Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929) entre outros. A exemplo do que ocorre em Lisboa, na mesma época, **Marques de Oliveira** (1852-1927) também recém chegado de uma estadia na França, cria no Porto o Centro Artístico Portuense e pouco depois e torna diretor da Academia Portuense de Belas Artes (até 1926) onde leva os alunos para o contato direto com a natureza e insiste na qualidade do desenho como base para qualquer obra.



Outono-José Malhoa óleo sobre madeira 46x38cm 1919

Os **Espanhóis** continuavam a ir para a Itália, como era o costume da época, até bem mais tarde que os franceses. Um nome importante no desenvolvimento da pintura ao ar livre naquele país é o de Carlos Haes (1829-1898), professor Academia de San Fernando em Madrid, que leva seus alunos a fazerem estudos ao ar livre antes de entrar no ateliê.



Barco naufragado- óleo sobre linho 59x103 -Carlos Haes - 1883

Não podemos deixar de citar ainda Ignacio Pinazo(1849-1916) e Joaquin Sorolla(1863-1923), dois expoentes da pintura espanhola neste período que após retorno dos seus estudos na Itália passaram a observar estreitamente a prática da pintura ao ar livre.



Jardim da casa de Sorolla -óleo sobre tela 54,5x73,8cm - 1920 - Joaquin Sorolla

Nos **Estados Unidos**, artistas foram atraídos pelo conceito de “plein air painting” e muitos foram para a França estudar tanto da costa leste quanto oeste do país, surgiram colônias de pintores que aderiram à prática. Citando alguns: Winslow Homer, Childe Hassam, Leslie Hale, William Merritt Chase e Edgar Payne.



William Merritt Chase

Não podemos deixar de mencionar John Singer Sargent que era americano embora tenha vivido e pintado na Europa a maior parte de sua vida e portanto assimilou com maior intensidade os movimentos artísticos que lá aconteciam.

No **Canadá** os artistas do **Grupo dos Sete** aproveitaram plenamente a expansão do sistema de trens e apresentaram uma visão complexa de um novo país de enormes dimensões.



"The Jack Pine" - Tom Thomson , (membro do grupo dos sete) National Gallery of Canada

Após a segunda guerra mundial, o automóvel e as novas estradas permitiram aos artistas urbanos se locomover rapidamente de e para zonas rurais, hoje em dia cada vez mais pode-se ter a facilidade de viajar com um ateliê praticamente portátil e pintar ao ar livre em escalas maiores.

A Pintura ao Ar Livre no Brasil

A responsabilidade do ensino formal de artes no Brasil coube à Missão Artística Francesa (1818-20), oriundos do velho mundo com rígida formação **neoclássica**, trazem para o Brasil o ensino acadêmico de artes que lá vigorava. A motivação da vinda destes artistas para o Brasil é controversa. De qualquer forma havia uma troca de interesses por parte de D. João VI e os artistas franceses aliados de Napoleão Bonaparte que àquela altura dos acontecimentos políticos na Europa já não se sentiam seguros por lá.

O projeto deste ensino foi de autoria de **Joachim Lebreton**, encontrando séria resistência por parte dos artistas portugueses e brasileiros que já trabalhavam aqui e não eram simpáticos a estes “refugiados” europeus. Com a morte de Lebreton e nomeação do português Henrique José Silva (1772-1834) para o cargo de diretor da Academia, a instabilidade incomoda os franceses que decidem voltar para a Europa. Alguns que aqui ficaram continuam pintando nossas paisagens que aos poucos vai tomando ares cada vez menos neoclássicos. Percebemos na pintura de alguns destes pintores que aqui permaneceram um crescente distanciamento dos padrões importados e a apresentação de luz e uma natureza exuberante.

Na Academia Imperial de Belas Artes a cadeira de paisagem seguia baseada principalmente em **cópias de paisagem Européias**, os Salões de pintura eram aqui realizados regularmente premiando os artistas com bolsas de estudo na Europa. O destino destes artistas (com prêmios viagem, bolsas concedidas pelo Imperador ou por conta própria), era normalmente a Itália embora a França fosse o local ideal para ver as novidades anuais dos Salões que davam uma idéia geral do movimento artístico de todos os países.

Em 1870 chega ao Brasil oriundo da Alemanha, **Georg Grimm** (1846-1887) que viaja pelo interior do Brasil pintando as fazendas de café e faz uma exposição exuberante destes trabalhos no Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro, são obras impactantes se comparadas às pinturas até então produzidas aqui. O pintor é então convidado pelo Imperador a ministrar aulas na **Academia Imperial de Belas Artes** na cadeira que então era denominada “Paisagem, Flores e Animais” em substituição a Vitor Meirelles. Revolucionando desde o início o ensino de paisagem, Grimm leva seus alunos a pintar ao ar livre, insiste em que façam exaustivos estudos do natural o que proporciona ao artista maior liberdade de expressão.

Tal metodologia contrariava totalmente o ensino oficial¹ e Grimm não renova seu contrato com a AIBA, retira-se e abre um atelier em Niterói sendo seguido por seus alunos na época que revolucionariam a pintura de paisagem no Brasil.

Em 1890 o **ensino de paisagem chegou a ser suspenso** na Academia e os professores se negavam a levar os alunos a pintar ao ar livre. Enquanto isto o grupo de Grimm cresce com seus alunos que praticam exaustivamente do natural despontando como seus expoentes máximos os nomes de Castagneto e Antonio Parreiras.

¹Segundo alguns autores, **Zeferino da Costa** já havia tentado levar seus alunos da AIBA a fazer estudos do natural há alguns anos, mas tal iniciativa não encontrou apoio e não teve sucesso

O Grupo Grimm

Sem dúvida a importância da pintura de paisagem como gênero autônomo no Brasil está ligada a Georg Grimm. O grupo orientado por ele era formado pelos pintores: Antônio Parreiras, Garcia y Vasquez, Joaquim José da França Júnior, Francisco Ribeiro, Giambattista Castagneto, Hipólito Boaventura Caron, Estevão Silva e o alemão Thomas Driendl, que por vezes o substituiu. Quem eram estes artistas?



Paisagem Montanhosa Brasileira - Georg Grimm

*... "Grimm sujeitava seus discípulos a um regime rudo de trabalho sem repouso. Fazia-os subir a mais escabrosa rocha, viver em plena floresta, contornar mesmo com risco de vida a mais íngreme montanha... E ele a esses perigos e trabalhos também se sujeitava a sua vez, pintando à sombra de seu chapéu de campo, que rutilava ao sol, abrindo no verde da folhagem uma nota branca e vibrante"*¹

Grimm viveu no Rio de Janeiro de 1878 até pouco antes de sua morte em Palermo (Itália) em 1887. Embora mais conhecido no Brasil que em sua terra natal um grupo de aficionados na Alemanha no final do ano 2006 conseguiu reunir 160 obras de seu acervo em uma exposição no Museu Homfmüle da Baviera². Constam desta exposição obras realizadas ao ar livre no Brasil e em suas viagens pela Europa, Paquistão, Tunísia, Espanha e Portugal. Em sua época ele já era um **artista global**.³

Domingos Garcia y Vasques (1859-1912), segundo Thomas Driendl era um dos melhores alunos do grupo, suas paisagens destacavam-se nas exposições da Academia. Após a dissolução do grupo viajou para a Europa para aprimorar seus estudos



Rio visto de Santa Teresa - Garcia Y Vasquez

Joaquim José da França Júnior (1838-1890), embora fizesse parte do grupo seu perfil era bem diferente dos demais, era simples amante da pintura, tinha um rendoso emprego e um grande renome como escritor e jornalista, cultivava a arte como simples distração.

Francisco Ribeiro, trabalhava sem cessar, era de pobreza extrema, que lhe privava inclusive de material, durante muitos anos apenas desenhava por lhe faltar verba para as tintas. Desta maneira tornou-se um hábil desenhista e só começou a pintar muito mais tarde. Não há notícia de onde se encontrem estes desenhos hoje.

¹ PARREIRAS, Antonio. **História de um Pintor contada por ele mesmo**. Niterói 1999 pg.21 -

² DW-World.DE - Deutche Welle

³ DW-World.DE - Deutche Welle

Hipólito Boaventura Caron (1862-1892), descrito por Parreiras como um conjunto perfeito (homem e artista), sua personalidade cativante combinava com suas obras de extrema beleza e técnica de execução. Foi para a Europa onde ficou estudando e excursionando por alguns anos. Sua individualidade logo aflorou, seus quadros não eram confundidos com de nenhum outro. Sua carreira brilhante foi interrompida pela morte de Febre Amarela .



Poço Rico – ost 33x41cm – Hipólito B. Caron

Estevão Silva (1844-1894) – Convive com o grupo em suas atividades ao ar livre, embora sem romper seus laços com a AIBA . Foi um exímio pintor de naturezas mortas e retratos, diz-se que foi primeiro pintor negro de destaque formado pela Academia. *“...As frutas, as porcelanas, os pássaros, os animais, os metais pintados por Estevão podem ser assinados por qualquer mestre nesse gênero de pintura , quer aqui , quer no estrangeiro..”*¹

Thomas Drendl (1846- 1916), Como Grimm, oriundo da Alemanha veio para o Brasil em 1879 onde permaneceu até sua morte no Rio de Janeiro. Viajou por vários estados do sul e substituiu Grimm eventualmente nas aulas ao ar livre. Toda sua formação artística foi realizada na Academia de Belas Artes em Munich.

Giovanni Battista Castagneto (1851-1900), Muito se tem a dizer sobre este pintor que foi o expoente máximo da pintura de marinhas no Brasil, sua personalidade, curta vida e extensa obra são farto material para nos debruçarmos sobre um momento da **pintura ao ar livre** em nosso país. Vamos então tentar sintetizar:

Nascido em Gênova de origem muito pobre, chegou ao Brasil com o pai em 1874. Antes de Grimm havia sido aluno de Vitor Meirelles e Zeferino da Costa, sua participação no grupo é bastante controversa. Por ser o artista de temperamento bastante impulsivo e sem traquejo social, é possível que tenha havido atritos fortes decorrentes das personalidades independentes do professor e do aluno. Com a saída de Grimm da Academia, juntamente com outros pintores² prefere seguir sua orientação a uma distância prudente¹ . Torna-se professor de desenho elementar do Curso Profissional do Liceu de Artes e Ofícios sob a supervisão de Vitor Meirelles.

Importante notar que existe uma identidade única em seus trabalhos sobressaindo um gestualismo e uma carga emocional que de nenhuma maneira foram características da pintura naquela época. Para alguns quadros realiza estudos ligeiros que muitas vezes superam em espontaneidade as obras acabadas, seus personagens, embarcações de pesca e canoas simples apresentadas em suas telas e tábuas têm uma imponência e dignidade incomuns.



Ilha de Paquetá. Praia de São Roque, osm 1898 - CASTAGNETO



Chalupa na praia de Paquetá, osm 1898 - CASTAGNETO

Durante sua carreira extremamente ativa elabora obras que demonstram a perseverança em **estudar a natureza** e as mutações típicas da paisagem marítima, desloca-se para Niterói registrando aspectos do ancoradouro e estaleiros da ilha de Mocangüê e Angra dos Reis, faz repetidas composições da reforma da Igreja de Santa Luzia dando início ao progressivo e veloz desenvolvimento de uma pintura inconfundível pela audácia, autenticidade e relevante independência. Sua afinidade com o mar e a água é traduzida em todo conjunto de sua obra, mesmo quando é convidado a fazer uma série de pinturas em São Paulo, encontra sua expressão nos rios e paisagens ribeirinhas.



Paisagem com rio e barco ao seco em São Paulo - Ponte Grande osm 33x55cm -

Castagneto 1895

Antonio Diogo da Silva Parreiras(1860-1937) – Seu nome pode está associado ao sucesso da pintura de paisagem no Brasil.

Com um perfil um pouco diferente dos outros alunos de Grimm, Parreiras foi educado em uma família sólida e abastada, filho de um famoso ourives, embora sempre tenha manifestado seu talento para as artes, só iniciou seus estudos de pintura aos 23 anos quando se inscreveu no curso de paisagem na Academia. Era a época em que Grimm começava a lecionar. Foi o seu aluno mais disciplinado e fica com o Grupo até sua dispersão final. Nesta época sua situação financeira já não era tão favorável pois já havia perdido seu pai e já tentara se engajar em outras profissões.

O mais importante na arte, acreditava, era a característica individual transmitida por cada artista à sua obra, o que aconteceria através da **interpretação pessoal da realidade**



Cataratas do Iguaçu óleo s/tela, ass.1919 - 49,5 x 63 cm. Antonio Parreiras

Autoconfiante, para afirmar-se diante do cenário artístico brasileiro embarcou para a Europa, demorando-se por prolongadas estadias em Paris. Embora tenha pintado nus femininos, o grande volume de pinturas de figuras vem da pintura histórica de grandes dimensões, cuja demanda cresceu em volume no Brasil após a consolidação da República. Neste recorte, as elites locais encomendam obras que tecem narrativas oficiais produtoras de sentido povoando a história oficial com signos do novo *status quo*. Atendendo a esta encomenda promissora, Parreiras realizou, desde 1908 até 1937, cerca de 22 quadros históricos de grandes dimensões, conectando paisagem e figuras humanas.

Parreiras foi um artista de enorme talento. Sua audácia fez com que seus trabalhos espelhassem sua natureza impulsiva. Teve suas pinturas expostas no Brasil e em diversos países da Europa. Foi um dos poucos artistas nacionais que viveu de sua arte. Dividiu seu trabalho em encomendas de pinturas históricas e nus que lhes proporcionaram estabilidade financeira e a pintura de paisagem onde sua expressão individual realmente se revelava¹.

1

A partir de um determinado momento, Parreiras elimina totalmente o elemento humano de suas paisagens revelando uma comunhão integral com a Natureza.



ÁRVORES – ÓLEO SOBRE CARTÃO 1937 –20X26CM – Antonio Parreiras

Escola de Ar Livre

Em 1889 Antonio Parreiras assumiu interinamente a cadeira de paisagem na Academia que continuava “Imperial” em plena República, o que representou uma vitória para o antigo grupo de pintores ao ar livre, infelizmente a alegria foi breve pois ao apagar da luzes daquele ano a Academia foi reformada aos moldes do Projeto de **Bernardelli-Amoedo**¹ e a cadeira de paisagem, originariamente de paisagem histórica transformada por Grimm em **Estudos ao Ar livre** foi extinta. Parreiras então coerente com sua formação voltou a levantar a bandeira do “plein air” reagindo contra o desinteresse do ensino oficial pela nossa paisagem e criando com sede em sua própria residência em São Domingos a “Escola ao Ar Livre” . Parreiras lutou bravamente pela restauração no ensino de paisagem, dos métodos de Grimm **“Atelier de paisagista é no campo”** - dizia ele repetindo o professor- e o próprio dava o exemplo pintando ao ar livre.

Temos a partir desta época, não somente no Rio de Janeiro, como também em São Paulo e alguns estados do Nordeste do Brasil, vários pintores que desenvolvem seu trabalhos a partir do Natural, começam a aparecer nas telas o cotidiano do povo em seu ambiente, paisagens exuberantes e cheias de luz, retratadas com as pinceladas vigorosas ou suaves dos pintores de ar livre, podemos citar alguns dos vários nomes que se destacaram por exemplo:

Gustavo Dallara, Eliseu Visconti, Georgina de Albuquerque, Lucílio de Albuquerque, Marie Nivouliès de Pierrefort, Batista da Costa, Arthur Timóteo da costa, Almeida Júnior entre outros não menos importantes.

Arthur Timóteo da Costa paisagem-osc 32x41cm



Marie Nivouliès de Pierrefort- Barcos no cais ost 77x84cm



Armando Viana Batucada



Georgina de Albuquerque- feira ost ?

Pintura ao Ar Livre e Arte Moderna

A prática da pintura ao ar livre proporcionou uma ruptura com a estética vigente na arte, a tentativa de capturar a fugacidade de uma cena acabaria por determinar o uso de pinceladas rápidas e expressivas, cores vivas com o artista voltando-se para o caminho do experimentalismo que viria a caracterizar a arte moderna. As pesquisas plásticas feitas em campo tornam-se referências para esta nova estética que registra a experiência contemporânea no plano bidimensional da tela.

Grupos livres de pintura formavam-se no Rio e São Paulo, movidos pelo desejo de compartilhar idéias ou por rebeldia promovendo o rompimento com a escola formal. No Rio temos o **Núcleo Bernadelli**¹ formado por **Malagoli, Bráulio Poiava, Bruno Lechowski, Bustamante Sá, Edson Motta, Eugênio Sigaud, Expedito Camargo Freire, João José Rescala, Joaquim Tenreiro, José Gomez Correia, Manoel Santiago, Pancetti, Takaoka, Milton Dacosta e Quirino Campofiorito**, em São Paulo o **Grupo Guanabara** formado principalmente por artistas japoneses ou descendentes como Manabu Mabe "liderados" por Tikashi **Fukushima** e uns poucos estrangeiros como por exemplo **Arcângelo Ianelli**.

Cabe aqui mencionar também a grande importância para a Pintura Brasileira do **Grupo Santa Helena** (formado em 1933) que tem como característica, ao lado da pintura ao ar livre de paisagens urbanas e suburbanas de São Paulo a liberdade de pesquisa do espaço plástico, da cor e da forma. Este grupo era formado por operários em sua maioria descendentes de italianos dentre os quais podemos citar: **Volpi, Rebolo, Bonadei, Takaoca, Pennacchi, Mario Zanini e Clóvis Graciano**



Volpi - Mogi das Cruzes, 1939 Óleo s/ tela, 54,0 x 81,4 cm



Volpi - Casas de Itanhaém, 1948 Têmpera s/ tela, 65,2 x 81,5 cm



Volpi - Casas na Praia (Itanhaém), 1952 Têmpera s/ tela, 46,1 x 64,8 cm



Volpi Casas, c. 1955 Têmpera s/ tela, 115,5 x 73,0 cm



Volpi -Bandeirinhas, 1968 Têmpera s/ tela, 44,5 x 22,1 cm



Pancetti- Ilha de Mocanguê (1933) ost 47x59cm



Pancetti – Marinha (1957) ost 43x54cm



Regata no Tietê (1965): Mario Zanini (bucólico e ao ar livre)



Casario 1967 Mario Zanini Ost 50x70cm

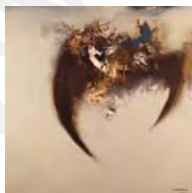


Paisagem do Jabaquara - Manabu Mabe, 1963

Paisagem do Jabaquara



Salto do Avanhandava Manabu Mabe -ost 38x46 1956



Manabu Mabe - Sem título ost -1960

Em Belo Horizonte temos a fundação da Escola Parque Guinard (1943), onde o mestre enfatiza o estudo do desenho e da pintura do natural, tornando-se mais tarde o responsável pela difusão do pensamento modernista em Minas Gerais.



Alunos e mestre da Escola Parque Guinard



Paisagem urbana de Belo Horizonte – 1950 ost –Guinard

As Gincanas de Pintura

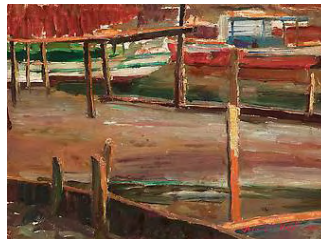
Nos dias de hoje, um dos fatores determinantes para o estímulo e continuidade da pintura ao ar livre no Rio de Janeiro e em alguns outros estados são as Gincanas ou Encontros de Pintura, patrocinados por Instituições Cívicas e Militares quando artistas profissionais e amadores são reunidos para pintar geralmente nos arredores destas Instituições que agraciam os vencedores com prêmios aquisitivos preservando desta maneira, os nomes e as obras dos pintores. O tempo é determinado para início e término da obra, causando uma tensão positiva de superação e competitividade entre os artistas concorrentes e ao prazer de pintar ao ar livre é adicionada a necessidade de capturar o mais rápido possível, cada um em seu estilo, o tema e a composição escolhida.

Nomes como Aluizio Valle, Geraldo Castro, Paragó, Jesus, Tolentino, Virgílio Dias, Cecconi entre muitos outros foram facilmente encontrados em gincanas. Tais iniciativas infelizmente vêm rareando ultimamente mas sem dúvida ainda exercem uma grande influência na atividade de Pintura ao ar Livre e servem de estímulo a muitos pintores que aproveitam estes momentos para compartilhar experiências vivenciando a arte. Outro fato a se lamentar é a ausência quase total de registro e imagens destes eventos que ficam em sua maioria apenas no acervo fotográfico dos artistas, uma vez que as obras vencedoras passam a fazer parte da coleção das Instituições.

Ponta d'Areia- Aluizio Valle Óleo s/ tela - 24 x 40 cm



Geraldo Castro barcos ost 54x65cm



Pintura ao ar Livre nos dias de hoje

No mundo atual grupos de "Plein Air Painting" estão em ascensão e espalham-se por toda parte, organizados em instituições que promovem a prática da pintura ao ar livre durante todo o ano desafiando as mais inclementes variações climáticas e com isto indústria vem criando e adaptando materias que facilitam cada vez mais a logística da pintura de campo.



Michael Chesley Johnson Pintando ao ar livre em pleno inverno canadense- dezembro/2007

www.MichaelChesleyJohnson.com.

No Brasil alguns grupos já se formaram desde então e continuam existindo como o Grupo de Pintura ao Ar Livre no Rio de Janeiro, grupos anônimos como também pintores solitários que de vez em quando encontramos nas esquinas da cidade com suas telas e cavaletes registrando como em crônicas visuais as transformações na vida de seus habitantes e arredores.



Foto de 1990 Grupo de Pintura ao ar Livre

Em pé: Wilton Moura, Haydê Morani, Ney Tecídio, Nelson Mathias, Eduardo Carlson, ?, ?, J. Longuiño, Amândio Gonçalves, ?, e Edgar Walter. Abaixados (depois do menino): ?, Sansão Pereira, Oscar Tecídio, Alberto Nunes, Onild'Aquino, Igue, ?, ?, ?, ?



[Grupo de Pintura ao ar Livre do Rio de Janeiro 2004](#)

Letícia, Chung, Neusa, Berenice, Neiide, Ruy, Vera Ana, Toledano, Sandra Nunes, João Barcelos, Enerino, Eriberto, Ena

Referências Bibliográficas:

Parreiras, Antônio, - História de um pintor contada por ele mesmo

Niterói,RJ - Niterói Livros 1999

Tinterow, Gary- Corot

Metropolitan Museum of Art, New York 1996

Ingo F., Walther – Impressionism

Taschen, Italy 2000

Gomez, Mandi - Essential Constable

Parragon, UK,2001

www.dw-world.de

www.itaucultural.com.br

www.mac.usp.br

www.cultura.mg.br

www.bolsadearte.com